

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



9

ISSN 1516-2907

A Pós-Modernidade

RESUMO: Nesta conferência, realizada na Faculdade de Letras da UFRJ, em dezembro de 2002, o Professor Emmanuel Carneiro Leão apresenta a questão da pós-modernidade como uma extensão dos progressos da técnica, das descobertas científicas e das ideologias do nosso tempo. Um desses fenômenos pós-modernos é, segundo o Professor, a Sociedade em Rede que substitui progressivamente, e com vantagem, todo real. A grande cidade é o seu exemplo concreto, pois é nela e por ela que a rede opera de modo que fora da cidade só reste apenas a urbanização do campo ou a desertificação do interior. Na sociedade em rede tudo pertence ao mundo da técnica, inclusive o próprio homem como seu usuário e não sócio. Neste sentido, o desenvolvimento acontece em função de metas e não visa objetivo nem comprometimentos éticos, num processo de fazer, e não segundo um ideal de valor. O resultado deste processo é a transformação do *homo sapiens* em *homo microeletronicus* com todas as suas conseqüências.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade; Sociedade em rede.

Emmanuel Carneiro Leão

Professor emérito e
titular de poética da UFRJ

Qual a experiência de história donde provém e a que remete a pós-modernidade?

A pós-modernidade provém da modernidade e nos remete a um conjunto de fenômenos de transformação radical que, avassaladoramente, vai cobrindo todos os espaços da existência atual e futura dos homens em sociedade. É o sentido do prefixo, “pós” nas expressões, pós-moderna e pós-modernidade. Os progressos da técnica, as descobertas das ciências, as ideologias do tempo desencadearam uma avalanche tal que levou de roldão, e destruiu pela base os princípios de ordem e as forças de ordenamento que definiam o perfil e desenhavam a fisionomia do mundo moderno. Desta avalanche brotaram os fenômenos pós-modernos.

Exemplos destes fenômenos pós-modernos são: a sociedade do conhecimento, a sociedade em rede, a sociedade do consumo, a cibercultura, a engenharia genética, a eliminação e perda da linguagem simbólica, a inteligência artificial, as próteses microeletrônicas, o ciborgue!

Na impossibilidade de discutirmos todos estes fenômenos pós-modernos, vamos restringir-nos apenas a caracterizar e questionar, quanto aos valores, a sociedade em rede!

A sociedade em rede não é uma máquina, nem a máquina, nem um conjunto de máquinas ou procedimentos de artefatos ou ferramentas. A técnica deixou de ser um fator entre muitos outros que vieram integrar-se, *a posteriori*, numa sociedade não técnica, numa civilização autônoma e natural. Na sociedade em rede, a técnica se tornou dominante, o domínio de tudo. É da técnica que dependem todos os fatores. A técnica já não é apenas uma intermediação incompleta ou parcial entre o homem e a natureza, meio natural de sua existência. O meio resulta todo, é dominado todo, é explorado todo pela técnica. A sociedade em rede substituiu progressivamente com vantagem todo real. Trata-se de um ambiente completo e total em que o homem, a sociedade, a cultura, a civilização, tudo se vê compelido a viver e a determinar-se. É a atmosfera em que nos movemos, vivemos e somos. Não é apenas uma totalidade entre muitas outras, mas a totalidade que tudo absorve e decide. O exemplo concreto da sociedade em rede criada e administrada pela técnica é a grande cidade. É nela e por ela que a técnica exclui qualquer outra realidade, seja natural ou cultural, seja simbólica ou histórica. Fora da cidade, resta apenas ou a urbanização do campo ou a desertificação do interior.

Esta exclusividade da técnica nos mostra que a sociedade em rede constitui a realidade, o ar em que o homem pós-moderno se descobre inserido. Exige da parte dos homens uma reformulação estrutural completa de todos os modos de ser e comportar-se até então vigentes, de seus valores, de suas tradições, de sua ética e da moral, dos padrões intelectuais e fisiológicos de tudo que tinha sido o homem até então. Pela técnica absorvente e dissolvente, a sociedade em rede monta um sistema, no sentido estrito, de um conjunto de totalização em que tudo é captado e absorvido de maneira radical. Que maneira é esta? É a maneira rizomática, a saber: em primeiro lugar, cada integrante vai transformando-se em elemento do sistema, cada integrante só tem sentido, isto é, valor, significação e importância, graças à função que lhe confere o todo do sistema. Em segundo lugar, toda recodificação de um elemento repercute e reverbera sobre o conjunto todo e o modifica. E toda modificação do conjunto traz e arrasta consigo uma transformação das relações dos elementos. Por último, existe e opera uma relação exclusiva entre os elementos do sistema. Esta relação se compõe de autonomia, unicidade, de universalidade e

totalidade. A sociedade em rede está toda presente em cada uma de suas partes, em cada uma de suas funções, em cada um de seus desempenhos. Não há tempo nem espaço. Só há simultaneidade e onipresença. As características da sociedade em rede são as características de seu próprio funcionamento, a saber: automação, auto-crescimento, ausência, não se trata nem mesmo de exclusão, é ausência de finalidade ou valor que venha de fora do sistema. Toda progressão é eficiência e tende a acelerar-se por meio de retroação e auto-regulação.

O problema dos valores, de qualquer natureza ou nível que seja, o problema do comportamento humano, por ex., só pode ser levado em conta, como tudo o mais, em relação à sua dependência de todo o sistema, do sistema, em seu todo, e não em relação a tal ou qual referência individual e autóctone. Não há nenhuma preocupação nem mesmo possibilidade de se usar ou fazer alguma coisa, por ser boa em si. Não existe a consigna de fazer o bem! Só existe a necessidade de fazer bem. Dado que a sociedade em rede é um sistema técnico, o problema ético, moral ou humano só pode ser colocado em função da totalização da rede. Não tem sentido algum as escolhas particulares, os valores singulares. Trata-se, pois, de uma revolução radical, *sedibus immis* que atinge qualquer hábito ou paradigma de dever ser ou de vir a ser. A única prescrição admitida é a descrição do sistema em sua construção, em seu aperfeiçoamento e manutenção.

Costuma-se por a questão do valor, a questão ética a partir da singularidade, da originalidade e excepcionalidade das pessoas. O homem não é só indivíduo, o homem é singularidade, isto é, uma palavra exclusiva que, uma vez pronunciada, já não pode ser repetida. Esta condição foi triturada e consumida pela sociedade em rede. O homem faz parte da rede, como fio de uma teia sem aranha. O homem não tem à sua disposição a rede como dispõe do seu automóvel. O carro, o homem pode utilizá-lo para fazer bem ou um mal. O carro é um meio neutro, depende da decisão do usuário para se especificar quanto aos valores. Ora, na sociedade em rede o automóvel pertence ao sistema da técnica. Isto significa, o carro deixa de ser um meio autônomo. Sua utilização é relativa, já não depende da decisão humana. O simples fato de ter e usar um automóvel modifica e transforma o condutor. O homem não é o mesmo homem quando está ao volante e nem é o mesmo homem em casa na família como na direção do carro

Provém e induz uma série de conseqüências ontológicas, no comportamento dos homens, tanto psicológicas, quanto sociais, quanto institucionais.

Pois, ter e usar um meio técnico não se reduz a um fato isolado, particular e exclusivo. Inclui também, necessariamente, entrar no sistema técnico. E este já não é nem neutro nem dominado ou controlado pelo homem. O sistema técnico tem suas próprias regras de funcionamento e seus princípios de ser e realizar-se que provocam conseqüências em cadeia nos homens. Sociedade em rede não é, pois, uma instrumentação neutra, ela tem suas orientações, suas implicações, suas condições. Ela modifica O homem em seu todo e transforma-lhe toda a paisagem humana.

Também não corresponde à sociedade em rede, a pretensão de que o homem deve estabelecer as finalidades para o uso e aplicação do grande poder que a técnica lhe põe nas mãos. É uma outra ilusão equivalente à primeira. A técnica não é um conjunto de meios adequados que a sociedade em rede nos oferecesse para realizar nossos propósitos. A suposição deste entendimento é que o homem possa controlar e dominar o fenômeno da técnica e o único desafio seria apenas estabelecer fins corretos, convenientes e verdadeiros. Não é assim. A técnica é um poder autônomo. Ela só oferece um sistema de meios e ferramentas por ser dotada de leis e princípios próprios. Os procedimentos e recursos da técnica têm seus próprios princípios autônomos que não se acham subordinados a fins. Deve-se distinguir aqui entre fins (por exemplo, valores humanos), objetivos (por exemplo ideais sociais), e metas (por exemplo a solução de um problema). A técnica, como a ciência, evolui em função de metas, não visa a objetivos gerais nem está comprometida com fins éticos, humanos, espirituais, sociais ou de qualquer natureza que seja. Não há homogeneidade entre a proclamação de valores, por exemplo de justiça, liberdade, solidariedade e a orientação e sentido do desenvolvimento técnico. Os defensores de valores não têm nenhuma influência sobre os operadores da técnica e não podem exigir que se interrompa uma pesquisa ou se proíba o desenvolvimento de certas técnicas em nome de um valor humano qualquer. É o que tem demonstrado a clonagem reprodutiva de seres humanos. A grande fragilidade da posição finalista é ignorar uma lei constitutiva de todo desenvolvimento tecnológico, a saber, a técnica não age nem funciona por fins, mas exclusivamente por meios. O seu

movimento se desenrola segundo um processo de fazer e nunca segundo um ideal de valor.

Quais são as conseqüências para os homens e a sociedade deste terceiro milênio desta avassaladora sociedade de rede?

Na pós-modernidade, a cibernética ocupa o lugar dos princípios e desempenha a função de articular e fundar as áreas de conhecimento e práticas sociais que antes ocupava e desempenhava a Filosofia. A pós-modernidade vai transformando-se cada vez mais no hibridismo de um ciborgue. De sistema de órgão e aparelhagem com funções vitais de metabolismo, o homem vai progressivamente passando para uma composição mista de órgãos bióticos e próteses eletrônicas. De *homo sapiens* se toma *homo microeletro-nicus*: as relações pessoais resultam da fusão paulatina entre herança genética manipulável e técnica eletrônica restauradora. Um novo cérebro se anuncia com-posto de outros processadores, exclusivamente criadores e reprodutores de informações.

Uma nova ecologia torna **Gaia** um centro tecnológico de números, funções e artificios em permanente jogo de construção e desconstrução, de ordem e desordem com *chips*, *bits* e *bytes* em contínua expansão.

A pós-modernidade é o sistema da técnica em expansão. Três são as fontes que o alimentam e de que vive seu desenvolvimento. A primeira fonte é o mundo da matéria que lhe fornece energia. A segunda fonte é o mundo dos cérebros que lhe processam informações. A terceira fonte é o mundo dos artefatos cibernéticos e microeletrônicos que depois de produzidos se tomam autônomos e seguem seus próprios caminhos. A leitura que este sistema da técnica produz de si mesmo se constrói sobre o próprio funcionamento e desempenho de suas virtualidades cibernéticas. É a leitura técnica do sistema da técnica. Com ela se mostra não apenas o que significa transformar o real em objeto e o objeto em dispositivo, mas, sobretudo, que já não há lugar para nenhuma outra leitura. Com isto pretende-se excluir qualquer visão e experiência antropológica do sistema que inclua um sentido filosófico e simbólico. Pois uma análise na perspectiva do homem, como pessoa e sócio, já não falaria do sistema da técnica em si mesmo e sim do que os homens, como pessoas e sócios, fazem a propósito da técnica e por meio dela ou com vistas ao sistema da técnica. Neste caso, falar-se-ia das interações entre seres humanos e o sistema técnico ou das repercussões nos seres humanos dos sis-

temas microeletrônicos, mas não dos sistemas em si mesmos. O que diria, então, referir-se-ia não à própria técnica em si mesma, mas às representações e imagens mais ou menos antropomórficas que fazem do sistema técnico.

Do ponto de vista dos desafios e impactos do sistema da técnica na pós-modernidade e como pós-modernidade, os problemas da interação e das trocas homem máquina são decisivos e por isso se torna indispensável e urgente sua colocação e questionamento. E são justamente as questões do poder e da dominação com que nos atacam os impactos da globalização nas interações entre o sistema da técnica e os sistemas humanos e sociais. A caracterização de três destes impactos servirá a título de conclusão, para deixar entrever a profundidade e o sentido das transformações em causa na pós-modernidade. Um primeiro impacto interessa à globalização do poder e da política. Hoje tudo é política. A cada passo nos deparamos com política. O poder foi-se totalizando e se fez providência universal: tudo é poder, o poder é tudo. Todo e qualquer problema é uma questão política e da política. Todas as áreas de atividade histórica e cultural vão sendo absorvidas pelo sorvedouro do poder. A política foi-se alargando, alargando e terminou na globalização por alargar tudo. E qual é a crise da globalização? — Para alçar-se a uma extensão planetária, a política teve de esvaziar-se ao máximo. E neste vazio, o sistema técnico foi substituindo a antiga política pelos poderes cibernéticos da informatização.

O segundo impacto se refere ao estiolamento da linguagem pela perda progressiva de surpresa e criatividade. A linguagem se reduz a um instrumento automático de processar informações. As possibilidades significativas de uma língua se determinam e se medem pelo jogo de usos. Fosse suficiente esta determinação, nunca poderia haver no interior de uma comunidade lingüística crises de incompreensão. Ora, a vitalidade de uma comunidade lingüística está na razão direta de sua capacidade de sofrer e suportar crises de incompreensão. Quando a envergadura do uso já não pode articular o jogo das experiências criadoras, determinada língua entra em crise, buscando vencer o perigo de tornar-se insensata. É que uma língua só comunica se e na medida em que sua competência tiver sentido, isto é, enquanto puder articular as experiências inovadoras partilhadas pela comunidade. Responder à pergunta se um discurso é ou não é significativo equivale a

responder à pergunta: que dimensão da experiência comunitária ele exprime, consolida e transforma? Só depois é que se poderá tratar da correta aplicação de regras e da observância de princípios de cálculo sejam de ordem monotônica ou politônica. Porque só um discurso significativo nestes termos é criador, por isso também, a questão do sentido prevalece sobre a questão da validade e eficiência de sistemas microeletrônicos e circuitos integrados.

Na pós-modernidade estamos vivendo cada vez mais as ameaças de insensatez dos discursos. Se formos bastante informatizados para nos entregar às inversões extremadas já não sobrarão outra alternativa senão a de renunciar à criatividade de toda linguagem e de toda língua materna e originária.

Os informatizados pós-modernos já dão sinal de aprisionamento num mundo pobre de linguagem criativa. Daí a voga crescente das siglas, dos logotipos, das fórmulas de toda espécie. Um processo de graves conseqüências políticas que a globalização promove e planetariza. A linguagem natural vai perdendo sempre mais autoridade, num mundo em que se necessita cada vez menos das línguas naturais. Ora, tudo que o homem conhece, sente, pensa, sabe ou faz só se toma realmente significativo, só adquire sentido essencial, se houver possibilidade de diálogo, na medida em que dele se puder falar a partir de sua linguagem. Não há verdade num singular automatizado, fora de toda envergadura de participação. Toda verdade é plural. A verdade só se dá e acontece por existirmos no plural, numa correnteza que nos arrasta para uma convivência de diálogo. Enquanto vivermos, pensarmos e agirmos nesta terra, só faz sentido o que pudermos falar uns com os outros. O esvaziamento das línguas naturais é uma conjuntura que o sistema da técnica na globalização traz consigo cada vez mais.

Um terceiro impacto provém de uma atitude negativa diante do trabalho. O mundo informatizado não gosta de trabalhar. O trabalho não tem valor em si. Só vale como meio e instrumento. E se trata de meio precário, de instrumento primitivo. A automação e robotização se tornam a panacéia do trabalho. Vão rompendo progressivamente com os laços imemoriais que, desde sempre, o trabalho entrelaça homem e terra, animal e natureza. Com a automação promete-se desmascarar o trabalho como necessidade histórica da existência. Reduzindo o homem a usuário, a pós-modernidade unidimensionaliza a sociedade, como se indivíduos

e grupos só existissem para consumir. É que no mundo pós-moderno a informatização virtual só sabe mesmo produzir. Não conhece outras atividades pelas quais valesse a pena lutar e libertar das peias do consumo. A sociedade pós-moderna cada vez mais informatizada e virtual não dispõe de instâncias que pudessem mobilizar outras potências da condição humana. Mas tudo isso, toda esta virtualização informatizada será mesmo viável? Será mesmo possível viver num mundo só virtual, em que o trabalho manual, traço de união com a terra, fosse totalmente substituído pela automação? Será mesmo possível morar num mundo sem as vivências criadoras da linguagem, onde as línguas naturais tivessem seus discursos exorcizados pelas monossímias de línguas e metalínguas cibernéticas?

ABSTRACT: This lecture was given in Language Institute of UFRS by professor Emmanuel Carneiro Leão presenting the question of post-modernity as an extension of tecnologic advances, scientific discoveries and ideologies of our time. One of these post-modern phenomena is the net-society that replaces gradually, and with advantage, the reality as a whole. Big cities are concrete examples because they contains the net operating in such way that out of cities lays only the urbanization of countryside or the desertification of fields. In net-society everything belongs to the world of technique, including man as its client, not as a partner. So, development occurs toward proposed goals and not aiming objectives, neither ethical commitments; in a making process and not toward desired values. The result of this process is the transformation of *homo sapiens* in *homo microeletronicus* involving all its consequences

KEY WORDS: Post-modernity; Net-society.